



# V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS  
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



**Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:**

**Resumo**

**Relato de Caso**

## **A linguagem e o tempo: um estudo em Benveniste e Santo Agostinho**

**AUTOR PRINCIPAL:** João Augusto Reich da Silva

**CO-AUTORES:**

**ORIENTADOR:** Patrícia da Silva Valério

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### **INTRODUÇÃO**

Quando voltamos nossa atenção para o discurso, mais precisamente para sua constituição e formação através da enunciação, não podemos ignorar a tríade (ego, hic et nunc) que configura a existência de qualquer enunciado: encontramos sempre um eu (sujeito) que se dirige a um tu (permeado por um outro, um não-sujeito) em um determinado tempo (agora) e em um determinado espaço (aqui). Dentre os aspectos a serem estudados, focalizamos a categoria tempo na enunciação, buscando compreender sua singularidade no constructo teórico de Émile Benveniste (2005; 2006) e Santo Agostinho (1980), com vistas a compreender o papel dessa categoria na construção do sentido no discurso. Após a sistematização das teorias de ambos os autores, dirigimos uma análise linguística sobre o romance Dom Casmurro, de Machado de Assis (2010), destacado por ser uma narrativa memorial e importante obra da literatura brasileira.

### **DESENVOLVIMENTO:**

Para atingir os objetivos propostos, dividimos nossa pesquisa em duas etapas. A primeira configurou-se pelo estudo de textos selecionados de dois autores que, cada um a seu modo, tratam do tempo e sua relação com a linguagem humana, a saber, o linguista sírio Émile Benveniste e o teólogo e filósofo africano Agostinho de Hipona (popularmente conhecido como Santo Agostinho). Nosso corpus teórico constitui-se de capítulos dos volumes I e II de Problemas de Linguística Geral (PLG), de Benveniste, e do nono livro da obra As Confissões, de Santo Agostinho. Também integram nosso

# V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS  
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



estudo artigos, entrevista e capítulos de livros dos pesquisadores Flores e Teixeira (2009; 2011; 2012) que tratam sobre o tema de nossa pesquisa.

Benveniste (2006, p.71-75) em capítulo de PLG II, intitulado A linguagem e a experiência humana (1965), propõe três distintos conceitos de tempo. Segundo o mestre sírio, o tempo físico é esse "contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade" de que todos temos conhecimento; já o tempo cronológico ou crônico é medido pela "continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos" (2006, p.71) e é o tempo de que tratamos mais comumente no nosso cotidiano, pois engloba nossa vida enquanto série de acontecimentos. Porém, o conceito que atrai especialmente nosso interesse é o de tempo linguístico, que clama a existência de um tempo próprio da língua, que define-se pela concomitância ou não-concomitância do acontecimento com o discurso e é instaurado cada vez que o sujeito se apropria do sistema da língua e enuncia. Quando não concomitante, o enunciador toma o acontecimento como passado, utilizando das formas do pretérito para organizar seu discurso. Quando o acontecimento virá a ser presente, ou seja, quando ainda não ocorreu, o sujeito lança mão das formas do futuro para pôr a língua em funcionamento. Essas oposições são formadas a partir do presente linguístico, que é implícito e se define pela simultaneidade do acontecimento com o discurso.

Enquanto Benveniste aborda a questão do tempo sob uma perspectiva estruturalista, focada no sistema formal da língua e na enunciação, no texto agostiniano, o tempo é abordado sob uma perspectiva religiosa e filosófica, em que questiona-se sua natureza, extensão e propriedade. Ao longo do livro, Agostinho lança observações semelhantes às de Benveniste e que aproximam o tempo da linguagem, como quando afirma que a única forma de recuperar acontecimentos passados é através da linguagem: "a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória" (AGOSTINHO, 1980, p.220).

Na segunda etapa da pesquisa foram retirados trechos do romance machadiano Dom Casmurro em que estão explícitas as marcas do tempo na linguagem, validando as teorias benvenistiana e agostiniana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Após estudar as reflexões de Benveniste e Santo Agostinho sobre a questão do tempo, foi possível concluir que a linguagem (a verbal acima de todas) é a única forma de que dispomos para recuperar eventos passados ou vaticinar acontecimentos futuros. É através da linguagem que definimos o que é presente, passado e futuro, além de orientarmos nossa vida pela definição daquilo que já passou, está acontecendo ou virá a ocorrer.



# V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS  
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. O homem e o tempo. In: \_\_\_\_\_. Confissões; De magistro (Do mestre). 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.209-231.

BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. In: \_\_\_\_\_. Problemas de linguística geral II. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p.68-80.

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA ( para trabalhos de pesquisa):**

## ANEXOS